

Sim ou Zero: entre uma forma de vida coletiva e a invenção de si (com arte)

EDMILSON VITÓRIA DE VASCONCELOS* E ANTONIO VARGAS**

*Doutorando em Teorias e História da Arte (PPGAV) pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); mestre em Processos Artísticos Contemporâneos (PPGAV/UDESC); mestre em Ergonomia/Eng. de Produção e Sistemas (PPGEP) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); graduado em Arquitetura e Urbanismo Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

**Bacharel em Artes pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 1986); doutor em Artes pela Facultad de Bellas Artes (Universidad Complutense de Madrid, 1992); pós-doutorado na Universitat de Barcelona (1996). Professor do CEART/UDESC desde 1993. Docente permanente do programa de pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV/UDESC). Artista visual com exposições individuais e coletivas no Brasil, na Alemanha, em Portugal, na Espanha, nos EUA e no Canadá. Atualmente, ocupa o cargo de diretor de pesquisa e pós-graduação do Centro de Artes (CEAR/UDESC).

RESUMO

O artigo aborda a organização artística Sim ou Zero, a partir da perspectiva de Nicolas Bourriaud e da obra de arte como forma de vida. Constatam-se tanto a emergência de um novo formato de coletivo quanto um lugar em que a prática artística se mistura e se confunde com a própria vida dos artistas.

Palavras-chave: Sim ou Zero. Coletivo artístico. Grupo de artistas. História da arte.

ABSTRACT

This paper's motif is the artistic organization Sim ou Zero, from Nicolas Bourriaud's perspective, and the work of art as a way of life. It stresses the emergence of a new collective format and of a place where artistic practice is mixed and intertwined with the very life of the artists.

Keywords: Sim ou Zero. Artists collective. Artists group. Art history.

SIM OU ZERO

1.

Ricardo Rosas (2002), em artigo, refere-se aos coletivos artísticos apontando suas primeiras ocorrências entre meados dos anos 1990 e início dos anos 2000. Já Daniela Labra (2009) diz que “no campo da arte, os coletivos artísticos irrompem [no Brasil] no final dos anos 90”.

2.

Publicação *Sim ou Zero*. Cinco mil exemplares. Distribuição gratuita. Vitória: UFES, 1993.

Hoje, quando alguém se refere a um agrupamento de artistas realizando algum trabalho, ou a um conjunto de pessoas envolvidas com criação artística, o nome *coletivo artístico* surge “naturalmente” para conceituar esse tipo específico de organização. Mas nem sempre foi assim: as datas pesquisadas indicam que, no Brasil, esse tipo de coletividade surgiu entre 1998 e 2002¹. Embora não faça muito tempo, isso é suficiente para se pensar acerca de sua história, seus antecedentes e acontecimentos que produziram sua emergência na arte contemporânea.

Este texto busca destacar, portanto, um caso que ocorreu alguns anos antes do aparecimento dos coletivos, isto é, o “Sim ou Zero”, nome de uma exposição e de um agrupamento de artistas no estado do Espírito Santo. Suas atividades se iniciaram no ano de 1991, em Porto Alegre, mas sua primeira aparição pública deu-se com a Exposição ‘Coletiva’ Sim ou Zero, em 1993. Essa exposição, embora planejada no âmbito da Universidade Federal do Espírito Santo, não se limitou ao espaço da galeria de arte da instituição, uma vez que também se realizaram intervenções simultâneas na paisagem urbana em três municípios vizinhos da capital, Vitória: intervenções em canal de TV aberta, Rádio FM e na Festa de Abertura do referido evento (realizada em espaço diferente da exposição, em outra cidade), além de uma publicação² distribuída gratuitamente e enviada para instituições de arte do Brasil e de outros países.

Na abordagem aqui pretendida, destaca-se o fato de a publicação deixar registrado, no exemplar de lançamento, que Sim ou Zero não se considerava um grupo de artistas, mesmo que suas criações fossem de autoria coletiva e que a vida de seus colaboradores estivesse imbricada com suas obras num “lugar de viver”. Ora, isso é relevante, pois a negação dos grupos revela uma atitude crítica em relação a esse formato. Ao mesmo tempo, revela-se como acontecimento em estado de emergência, sem definições, sem identidade, inventando-se cotidianamente, apenas por acreditar no que isso faria emergir; e, sendo artistas, vivendo a vida em obra (de arte). Essa ação-atitude não era só um proje-

to, mas uma estratégia de vida que poderia ser considerada como um *procedimento poético*, cuja obra era imprevisível, uma emergência dessa complexidade vivida na construção de um *lugar de viver*³: a obra. Sobre isso, Nicolas Bourriaud comenta que:

Em toda a história da arte do século XX, as obras expressam disposições éticas através das formas. A arte moderna induz uma ética criativa, refratária à norma coletiva, cujo imperativo primeiro poderia ser assim: faz de tua vida uma obra de arte (BOURRIAUD, 2011, p. 18).

As afirmações do Sim ou Zero fazem surgir duas questões iniciais: 1ª) Se não eram um *grupo de artistas*, o que eram, visto que o nome *coletivo artístico* ainda não existia naqueles anos?; 2ª) Que tipo de obras (de arte) produziram ou quais eram seus procedimentos que justificavam essa imbricação entre vida e obra coletiva?

As respostas para essas dúvidas estão sendo examinadas por um dos autores deste artigo em tese de doutorado na área de Teorias e História da Arte, cuja hipótese sugere que o Sim ou Zero participa da gênese de organizações as quais, anos mais tarde, seriam chamadas de *coletivo artístico*, no Brasil. Mas aqui se propõe, inicialmente, uma análise das afirmações do Sim ou Zero a partir do pensamento de Bourriaud. Nas afirmações citadas, é possível constatar tanto a emergência de um novo formato organizacional coletivo entre artistas (e, como veremos a seguir, também com não artistas) quanto um “lugar” onde a prática artística se mistura e se confunde com a própria vida de seus integrantes, fazendo-nos lembrar que “criar é criar a si mesmo” (BOURRIAUD, 2011, p. 14).

EMERGÊNCIA ARTÍSTICA COLETIVA

Os antecedentes dos coletivos possuem sua história nos agrupamentos de artistas, desde as guildas medievais até os grupos do século XX. Estes últimos efetivaram-se a partir dos anos 1960 com a arte conceitual. A formação dos grupos se dava (*grosso modo*) em função de um ideário estético ou político que servia como um “atrator poético”, interli-

3.

Os artistas do Sim ou Zero adquiriram um terreno à beira de uma praia capixaba. Nesse lugar, construíram uma obra de arquitetura a partir do conceito de que não queriam uma casa, mas um lugar onde pudessem morar, trabalhar, expor seus trabalhos, gerar condições autossustentáveis, conhecer pessoas, curtir, etc. Em outras palavras, um “lugar de viver”.

gando a produção dos artistas como um todo. Podemos citar os surrealistas e os dadaístas do início do século XX até o Fluxus, mas também agrupamentos paulistas como o Grupo Ruptura, os cariocas do Grupo Frente, em 1956, o Grupo Rex, de São Paulo, em 1966-67, entre outros. Ao que parece, os grupos são os antecedentes mais próximos dos coletivos. No entanto, segundo Ricardo Rosas (2002), aqui no Brasil esse formato de ação se perdeu em algum lugar dos anos 1980:

Talvez seja um exagero afirmar que não temos tradição em coletivos artísticos. Afinal, os anos 1970 e 80 assistiram a ações de vários coletivos^[4], como Viagrou Sem Passaporte, 3Nós3 ou Tupi Não Dá, mas esse liame se perdeu em algum lugar dos anos 80, e tais formações só retornariam em meados dos 90 para cá, sem nenhuma ligação aparente com seus predecessores (p. 1).

4.

Nesta nota, com o grifo, salienta-se que, apesar de Rosas usar o nome “coletivo”, ele se referia aos *grupos de artistas*, uma vez que os coletivos por ele citados chamavam-se Grupo Viagrou Sem Passaporte, Grupo 3Nós3 e Grupo Tupi Não Dá. Acredita-se que o termo *coletivo*, do qual o autor faz uso, é devido à sua existência no ano de 2002, ano de publicação do referido artigo.

Nesse relato, Rosas nos dá uma pista e abre uma brecha no tempo, justamente nesse intervalo desconhecido, entre os anos 1980 e meados de 1990 – período em que surgiu o Sim ou Zero –, possibilitando um nó para restituir esse *liame perdido*, como ele o considera.

Acredita-se que nesse intervalo surgiram agrupamentos que experimentaram essa “transição”, fazendo emergir um novo formato organizacional artístico em consonância com os novos paradigmas da globalização, entre eles, o conceito de *capital social*, *colaboração* e *redes de relacionamentos*. Nesse sentido de emergência, ou seja, de geração de híbridos imprevisíveis, pode-se constatar as ações em formação: suas obras, críticas, dúvidas, crises, incoerências, ingenuidades e os acontecimentos que definiram aquilo que chamamos, “naturalmente”, de coletivo artístico. O Sim ou Zero pode ser um, entre tantos outros casos, que possibilite recuperar esse elo perdido. A esses agrupamentos – nem grupos, nem coletivos – passaremos a chamar de “emergências artísticas coletivas”.

As reflexões aqui levantadas têm início a partir do editorial da publicação Sim ou Zero:

Apesar de atuarmos conjuntamente, não constituímos um “grupo” [de artistas]; apenas, por conveniências particulares e por concordarmos em alguns pontos, viabilizamos esta série de intervenções. Ao invés de “grupo ou ação coletiva”, preferimos a idéia de indivíduos, atuando dentro de um mesmo espaço ampliado do cotidiano (SIM OU ZERO, 1993, p. 1).

Percebe-se, nessa declaração, a indefinição de um formato de atuação e, ao mesmo tempo, uma crítica aos grupos artísticos. Contudo, ao negarem ser uma “ação coletiva”, possibilitam o pensamento de que faltava ou não existia o nome *coletivo artístico* para definir esse tipo de organização. Logo, constata-se que tinham plena consciência de uma produção conjunta, gerada por “indivíduos dentro de um mesmo espaço cotidiano” (SIM OU ZERO, 1993, p. 1), ao passo que buscavam afirmar igualmente um lugar (espaço) onde suas ações pudessem acontecer, dentro de um mesmo cotidiano (tempo).

Outro aspecto a ser considerado como sintoma dessa emergência encontra-se também no título da exposição: “EXPOSIÇÃO COLETIVA” Sim ou Zero. Na forma como foi impressa, nota-se que a referida expressão está em caixa alta e entre aspas. Vê-se que nisso há uma questão envolvida nessa forma de grifar.

Todas estas intervenções são de nossa inteira responsabilidade; sua globalidade e diversidade constituem um bloco único, com o qual procuramos caracterizar de forma ampliada a situação “EXPOSIÇÃO COLETIVA”. Porém, independente de coletiva ou não, vimos a necessidade de expandir tanto na forma quanto no conceito as maneiras de atuação e ação dentro do quadro contemporâneo das artes (SIM OU ZERO, 1993, p. 1).

Em relação a isso, e em conversa com um dos participantes do Sim ou Zero, foi revelado que os artistas envolvidos expuseram na UFES a partir de um convite formalizado em carta aos quatro artistas amigos⁵, os quais deveriam fazer uma exposição coletiva de seus trabalhos.

5.

Na época, 1991, esses artistas moravam juntos em Porto Alegre, tendo se estabelecido no litoral capixaba no início de 1993. Já a exposição Sim ou Zero ocorreu entre 26 de novembro e 10 de dezembro de 1993.

Eles, por sua vez, consideraram que não seria possível uma exposição com trabalhos individuais, pois, como viam juntos já havia algum tempo, estavam completamente “interferidos e contaminados” uns pelos outros, e que suas obras não eram mais individuais, mas sim impregnadas dessa convivência a partir de uma forma de criar e produzir conjuntamente. No entanto, isso não significava que pensavam sob uma mesma égide idealista ou um mesmo pensamento estético, comum entre os grupos, pois “apesar de terem morado juntos, tinham suas diferenças, inclusive estéticas” (ANTUNES, 2015, p. 2).

Para resolver o problema colocado e para não perderem a oportunidade do convite, resolveram grifar o nome da exposição coletiva, expondo várias obras e intervenções com uma única assinatura: Sim ou Zero. Essa assinatura, além de nomear a exposição, também passou a ser uma logomarca-obra que marcava o lugar das intervenções. Por sua vez, o nome tornou-se, espontaneamente, o apelido dos artistas e do lugar onde escolheram morar: uma emergência. Vale lembrar que esse nome não existia antes da exposição – foi criado especificamente para intitulá-la. Na mostra, seus nomes apareceram juntos por uma exigência burocrática; porém, não era possível saber, nas obras expostas, quem fez o quê.



Outdoor; placas de sinalização Sim ou Zero; vídeo *Sim ou Zero*; pintura em acrílica sobre tela; grafite; publicação e intervenção em bar. 1993.



Arquitetura com materiais e técnicas da região.



Sim ou Zero: um lugar de viver, 1993
Palafitas individuais

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Alexandre. Entrevista concedida a Edmilson Vasconcelos. 21 jan. 2015.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si*. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LABRA, Daniela. Coletivos artísticos como capital social. *Dasartes*, n. 5, ago. 2009.

ROSAS, Ricardo. Hibridismo coletivo no Brasil: transversalidade ou cooptação? *Rizoma*, [2002]. Disponível em: <<http://issuu.com/rizoma.net/docs/artefato>>. Acesso em: 10 maio 2014.

_____. (Ins)Urgências. *Rizoma*, [2002]. Disponível em: <<http://issuu.com/rizoma.net/docs/artefato>>. Acesso em: 10 maio 2014.

VASCONCELOS, Edmilson. *Obrassistema = obra de arte + sistema: três casos*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SIM OU ZERO. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1993.